IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

GÊNERO, RAÇA E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: homens negros e novas/outras masculinidades no cuidado e educação de bebês e demais crianças

Eixo Temático 24 - masculinidades e suas intersecções nos espaços educativos

Késia Cristina Matos da Silva [1]
Sandro Vinicius Sales dos Santos [2]

RESUMO

Este texto analisa novos modelos de masculinidades presentes no trabalho de homens negros na educação infantil. O estudo articula os estudos de gênero, étnico-raciais e da área da educação infantil para analisar dados produzidos por meio de entrevistas de foto-elicitação com professores homens negros de creches e pré-escolas. Os dados evidenciam que o ingresso e permanência de homens negros na educação infantil se configura como resistência e como possibilidade de desconstrução das imagens cristalizadas no imaginário social e a criação de novos modelos de masculinidade. Portanto, através das análises dos relatos, foi possível perceber a potencialidade da presença masculina negra na criação de novas representações e na ampliação das experiências de aprendizagem das crianças desde bebês.

Palavras-chave: Masculinidades negras, gênero, docência, raça, educação infantil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender como professores negros que atuam na educação infantil expressam novos/outros modelos de masculinidade. A presença masculina no trabalho de cuidar e educar vem sendo pesquisado há alguns anos (Bonifácio, 2019; Ramos, 2020; Vasconcelos, 2022), sendo que tais estudos revelam estranhamentos e desafios enfrentados por estes sujeitos nas instituições de educação infantil. No entanto, a presença do homem negro em

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, kesiamatosufmg@gmail.com;
[2] Professor do Departamento de Administração Escolar na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, sandrovssantos@gmail.com.

creches e pré-escolas não é visibilizada, pois os poucos estudos que se debruçam sobre o tema revelam que os desafios dos profissionais do gênero masculino são agravados pelo fator raça (Silva, 2011).

Assim, este trabalho busca compreender como a inserção e permanência desses sujeitos possibilitam a construção de outros modelos de masculinidade negra nesses espaços e, mais que isso, como promovem a *desrepresentação* (Pinho, 2004) das imagens estereotipadas e a abertura de novas possibilidades e aprendizagens junto às crianças. Para tanto, partimos da seguinte questão: Que outras/novas expressões de masculinidades os homens negros que atuam como professores de educação infantil oferecem às crianças?

Ao explorar as resistências à presença masculina negra no cuidado e educação de crianças pequenas, pretende-se contribuir para o debate sobre a necessidade de repensar concepções cristalizadas que influenciam a configuração da educação infantil e do homem neste espaço.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente texto, é parte de uma pesquisa mais ampla , na qual foram entrevistados nove professores homens de creches e pré-escolas das cinco regiões brasileiras. Essas entrevistas foram realizadas por meio de foto-elicitação (Torre, Murphy, 2015; Banks, 2009), metodologia que amplia a interação verbal (conversação) do investigador com os sujeitos participantes por meio da análise de imagens.

As sessões de entrevistas foram gravadas, arquivadas digitalmente, transcritas e submetidas ao escrutínio dos participantes, para a validação de seu teor e eventual correção/alteração de conteúdo. Os dados provenientes das transcrições foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin,1979).

Para fins deste estudo, apresentamos os dados provenientes das entrevistas com os professores Matias, Waldir e Cleber - nomes fictícios atribuídos aos professores, para preservar suas identidades - que, no conjunto da pesquisa maior, eram professores homens autodeclarados negros.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação infantil é compreendida, neste trabalho, como um campo de conhecimento, um direito e como a primeira etapa da educação básica, constituída historicamente como resultado de lutas coletivas de mulheres (Tomé, 2011). Essa etapa oferece uma diversidade de experiências que contribuem para a ampliação do desenvolvimento das crianças desde a mais tenra idade (Brasil, 2009). O trabalho desenvolvido em creches e pré-escolas parte do princípio da indissociabilidade entre o cuidar e o educar - ações que não são mecânicas nem meramente técnicas, mas essencialmente reflexivas, relacionais, pedagógicas e intencionais (Guimarães, 2011).

A discussão sobre a presença de homens como professores de crianças pequenas tem ganhado destaque desde a década de 1990, apontando tensões e tentativas de compreender esse lugar social e profissional. O homem professor da educação infantil foi, por muito tempo, percebido sob o viés do risco e da inaptidão, especialmente quando envolvido em tarefas de cuidado, devido a associação histórica desse trabalho ao feminino e à maternagem (Santos; Sousa, 2023).

Nesse conjunto de pesquisas, a categoria raça é pouco explorada nas experiências desses professores. Almeida (2023) afirma que a prática pedagógica do professor é atravessada e afetada pelo fato de ser um homem negro, já Silva (2011) destaca que "a questão de gênero vai se associando/articulando ao tema raça quando, no dia a dia, as diferenças vão se singularizando" (Silva, 2011, p. 138).

Se os homens professores já enfrentam desconfianças no exercício da docência na educação infantil, essa realidade se torna ainda mais complexa quando se trata de homens negros. hooks (2022) destaca que a identidade masculina negra foi marcada historicamente por estereótipos violentos, vistos como agressivos e hiper-sexualizados. A presença do homem negro na educação infantil é, muitas vezes, mais severamente associada ao perigo e à ameaça do que a dos homens brancos, o que contribui para processos de invisibilização e silenciamento desses sujeitos. Esse atravessamento racial intensifica os estigmas de gênero já presentes, alimentando estigmas que colocam em xeque a competência, a afetividade e a legitimidade desses profissionais.

No Brasil, a masculinidade negra é um território político de disputa, sendo sua identidade construída a partir de representações hegemônicas de gênero, sexualidade e raça (Pinho, 2004). O que une hooks e Pinho - embora partam de contextos distintos - é a urgência em criar novas/outras possibilidades de ser homem negro. Enquanto hooks (2022) propõe a

descolonização das mentes como caminho para a construção de uma nova masculinidade negra, Pinho (2004) propõe a desrepresentação: a desconstrução das imagens sociais e culturais criadas para homens pretos e pardos, abrindo caminho para outras existências possíveis..

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presença de homens negros na educação infantil é atravessada por múltiplos desafios relacionados ao imaginário social, perpassando questões de gênero, raça, sexualidade e identidade. Como apontam os estudos de hooks (2022), as falas dos participantes desta pesquisa também revelam marcas de estereótipos e desconfiança:

> *[...] Porque, principalmente no meu caso, eu vou falar. A questão é sexista. Sexista, mas também racial. É porque aqui, no Paraná, o homem do saco, a figura do homem do saco, é um homem negro, é um homem preto, entendeu? E é um homem preto, velho, de barba. Eu não sou velho assim. Eu não. Não tenho aparência de velho, mas a minha aparência, lembra, remete ao homem do saco (Matias, entrevista concedida em setembro de 2023 grifos nossos).*

> *Olha, se é difícil ser homem na educação infantil, quando você é homem, negro e homossexual, ainda é muito mais difícil! O desafio ainda é muito maior! (Cleber, entrevista concedida em abril de 2023 grifos nossos)*

Tais trechos evidenciam a imagem construída pela comunidade escolar sobre o professor negro. Matias era frequentemente associado a uma figura folclórica marcada pelo medo e pelo perigo: o homem do saco. Cleber, por sua vez, destaca que, além da questão racial, a homossexualidade também impunha desafios significativos. Diante dessas vivências, os professores homens negros elaboram estratégias de resistência às representações que atravessam seu espaço profissional, na tentativa de construir uma nova imagem de si mesmos, como revelam as falas apresentadas a seguir:

> *Então eu acho que eu também fazia coisas propositais, né? Comecei a passar, a perambular ali naqueles espaços… [pelas salas] justamente para desfazer, para humanizar, para me humanizar. Isso é estranho falar, mas para que eles pudessem me perceber como uma pessoa, sabe como um ser humano que não era um bicho ou uma fábula, que eu era uma pessoa e que eu era um cara bom. (Matias, entrevista concedida em setembro de 2023)*

> *[...] Cara, eu não sei como, mas uma criança desenvolveu um certo pânico da minha presença [...] eu entro no refeitório, a criança começa a chorar e começa a querer sair [...] E aí no andar da carruagem descobrimos que a mãe dela ficou construindo uma imagem na cabeça daquela criança, que tinha um professor que era homem, que ela tinha que tomar cuidado e tal, tal, tal, sabe?! Essas coisas que geralmente falam [...] Aí, a diretora colheu essas informações que a mãe comentou com a criança, que era um homem preto e que era preciso ter cuidado, que ela tinha que se cuidar [...]*

> *depois a criança foi fazendo outra experiência, né? Porque a gente também não deixou de fazer o trabalho [...] É preciso se acostumar com a ideia e desconstruir essas fantasias que a mãe falava. (Waldir, entrevista cedida em outubro, grifos nossos)*

Os excertos revelam experiências marcadas pela desconfiança, estigmatização e desumanização. No primeiro relato, Matias descreve uma ação intencional de se fazer presente no espaço escolar como forma de romper com os estereótipos que o circundavam. Sua fala, ao mencionar a necessidade de "se humanizar", expõe a dor de ter sua identidade desfigurada e a urgência de ser reconhecido como pessoa e como educador legítimo. Já Waldir compartilha um episódio em que a rejeição de uma criança à sua presença foi alimentada por discursos preconceituosos provenientes de sua família, os quais associavam o fato de ele ser um homem negro à ideia de perigo. Ambos os relatos ilustram como o racismo e o sexismo operam conjuntamente na construção de imagens que excluem, silenciam e deslegitimam esses sujeitos. No entanto, também revelam estratégias de resistência e desconstrução: ao insistirem na presença, no cuidado e no vínculo, esses educadores constroem outras formas de ser homem negro, que desafiam os estigmas e possibilitam a valorização da diversidade desde a primeira infância, como como preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) (Brasil, 2009). Assim, percebemos que a *desrepresentação* (Pinho, 2004) do homem negro no contexto da educação infantil ocorre por meio de atitudes dos professores, que confrontam, reconfiguram e possibilitam outras identidades.

Além de contribuir para a construção de novas possibilidades identitárias e expressões masculinas, a presença do homem negro na educação infantil promove novas aprendizagens e experiências para as crianças, desde bebês:

> Porque tinha a escola e o CEMEI, né?! E as crianças ficavam doidas para ver como era o recreio lá dentro da escola. Os meninos tudo gritando, e elas numa curiosidade, eu pegava e subia os meninos no muro para eles olharem do outro lado, né?! Então aí eles chegavam em casa contando. (Cleber, entrevista concedida em abril de 2023)

> O fato de ser homem e entrar nessa turma quer dizer que eu não vou dar conta? Fiquei super feliz porque a minha companheira no final do dia virou e falou assim, voltei a respirar, e amar a minha profissão, nada melhor que um parceiro, nós dois juntos dando banho nas crianças de lata d'água, as crianças pulando, gritando, tudo, tudo doido. (Matias, em entrevista cedida em setembro de 2023).

No primeiro relato, Cleber compartilha uma cena marcada pelo encantamento das crianças diante do espaço da escola ao lado da instituição de educação infantil. Sua atitude de erguê-las para verem o recreio através do muro revela uma prática distinta daquelas comumente

realizadas pelas professoras, proporcionando às crianças outras experiências. Tal gesto expressa um modo de educar singular, não superior ou inferior ao das educadoras mulheres, mas diverso, e amplia as possibilidades de vivências na infância.

Já o segundo excerto, de Matias, confronta diretamente os estigmas de gênero presentes na educação infantil, ao questionar se o fato de ser homem implica não dar conta das demandas da profissão. A descrição da cena - banhos dados com lata d'água, risos, bagunça - traduz a potência das relações vividas. Ao final, o depoimento da colega que "voltou a amar a profissão" após a experiência conjunta aponta para os efeitos transformadores da presença masculina quando ela se coloca com sensibilidade, disponibilidade e escuta.

Esses relatos, portanto, contribuem para deslocar discursos normativos sobre quem pode (ou deve) cuidar na infância, demonstrando que a presença masculina negra pode ser fonte de transformação tanto para as crianças quanto para a própria equipe pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciaram que os marcadores identitários de gênero e raça são determinantes na construção de preconceitos e desconfianças em relação à presença de homens negros no cuidado e na educação de bebês e demais crianças. Entre os principais desafios enfrentados, destacam-se, a hipersexualização dos corpos negros, a invisibilidade perante alguns segmentos da comunidade escolar e a necessidade de comprovar constantemente sua idoneidade e capacidade profissional.

A presença do professor homem na educação infantil impacta tanto os próprios professores quanto às vivências das crianças, proporcionando aprendizados diferentes Essa presença enriquece a formação das crianças ao possibilitar experiências diversas e confrontar preconceitos enraizados na sociedade, os quais são frequentemente transmitidos a elas.

REFERÊNCIAS

BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BONIFÁCIO, Gabriel Hengstemberg. **A profissionalização do docente masculino da educação infantil:** inserção, estabilidade e atravessamentos. Dissertação [Mestrado em Educação]: Sorocaba: Uscar, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 dez. 2009.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética**. São Paulo: Cortez, 2011.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Editora Elefante, 2022.

JANEI, Vitor; MACHADO, Silvio Ricardo Munari. **"Doces bárbaros"**: por uma nova sensibilidade dos professores homens na Educação Infantil. Zero-a-seis, v. 22, n. 42, p. 710-725, 2020.

PINHO, Osmundo. **Qual é a identidade do homem negro?** Democracia Viva, no 22, jun. 2004/jul. 2004, p. 64-9.

RAMOS, Clemerson Elder Trindade et al. **Quem tem medo do lobo mau?:** inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação infantil. Dissertação [Mestrado em Educação]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2020.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos; SOUSA, Ricardo Gonçalves de. Homens na docência da educação infantil: da memória bibliográfica ao estado da arte. **Educação**, v. 46, n. 1, 2023.

SILVA, Claudionor Renato. Professor homem, negro na escola da infância: reflexões e apontamentos de um iniciante. **Temas em educação e saúde**, v. 7, 2011.

TOMÉ, Marta Fresneda. **A educação infantil foi para a escola, e agora?:** ensaio de uma teoria para a gestão institucional da educação infantil. 2011. 298 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011.

TORRE, D.; MURPHY, J. **A different lens**: Changing perspectives using photo-elicitation interviews. education policy analysis archives, v. 23, p. 111, 2015.

VASCONCELOS, Dalila Castelliano et al. Educadores Homens na Educação Infantil: revisão sistemática da produção mundial de artigos empíricos. **Perspectivas em Diálogo:** Revista de Educação e Sociedade, v. 9, n. 20, p. 8-28, 2022.